

Assistir a dez anos de filmes *eu-você* é a oportunidade de vislumbrar a rede ou teia presente no duplo significado da palavra *nós* (pronomes e entrelaçamento, como você diz). A repetição (e diferenciação) é fundamental para esse trabalho?

Ricardo Basbaum – Costumo dizer que *eu-você*: *coreografias, jogos e exercícios* é uma proposição *person-specific*, parodiando o influente jargão minimalista que relaciona a obra com a especificidade do lugar. A medida de sucesso dessa atividade é trazida pelo calor do contato coletivo, frente ao rumo das escolhas e decisões – e é preciso conduzir à construção do grupo, através de apresentações e conversas, experimentações e trocas, até que se deflagre um efeito de conjunto: a partir desse momento tudo o que se produz é ação de grupo, coreografia do múltiplo. Construir as próprias regras, de acordo com cada lugar, em exploração do entorno, é o que fazemos. Pronomes como pretextos para jogos, no sentido de demarcar áreas de encontro e desencontro – locais de relacionamento entre você e eu, em suas simetrias ou assimetrias, produzindo cadeias de movimentos em sincronia e também o desencontro. Saber que a proposição pode não funcionar é um alento; é um alívio considerar a possibilidade da falha iminente e procurar eludi-la no trato coletivo; mover-se na linha limite entre quase-nada e a cadeia dos encontros sucessivos, multiplicadores.

Ricardo Basbaum nasceu em 1961, em São Paulo. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista, professor, curador e crítico, investigador da arte como dispositivo de relação e plataforma para a articulação entre experiência sensorial, sociabilidade e linguagem. Desde o final da década de 1980, cultiva um vocabulário próprio aos seus trabalhos, aplicado de maneira singular em cada instituição em que atua.

Renata Marquez é curadora do Museu de Arte da Pampulha.

Museu de Arte da Pampulha

Av. Dr. Otacílio Negrão de Lima, 16.585 Belo Horizonte MG Brasil 31365-450

Tel 55 31 3277-7946 | Fax 55 31 3277-7996 | map.fmc@pbh.gov.br

Terça a domingo, das 9h às 19h

Entrada franca | Visitas mediadas

Ônibus 2212B e C, 2213, 2215A, B, C e D

Museu de Arte da Pampulha

Projeto Arte Contemporânea 2011

17 de dezembro de 2011 a 4 de março de 2012

conjs., re-bancos*: exercícios&conversas

RICARDO BASBAUM

Renata Marquez – Quando entramos no Museu, encontramos uma espécie de pavilhão de exercícios: supostas máquinas de treinamento esperando por seu uso em série. Mas onde estão as instruções dessas máquinas ou os seus operadores? Notamos que as instruções estão ali mesmo, em forma de linguagem (escrita e falada): são códigos ambulantes que podem ser ouvidos nas peças de áudio ou levados para casa como pôsteres. A produção em série das estruturas (*conjs.*) configura um jogo aberto para variações programadas de modos de usar. O lugar dos operadores das máquinas é oferecido ao visitante da exposição, que pode aceitar o convite ou não, seguir as instruções e exercitar-se ou não. “Espero por um visitante curioso”, você escreveu uma vez, tentando seduzir aqueles fora de forma. A criação de uma imagem absurda do condicionamento social leva ao descondicionamento fora dali? O museu torna-se um laboratório?

Ricardo Basbaum – Você tocou no ‘x’ do problema: as encenações replicam os rituais de automatismo, que programamos executar todos os dias sem ter a consciência completa das implicações – é também em modo de captura que executamos rotinas enquanto pensamos exercitar nossa liberdade: “no conforto do abrigo, recupero os planos do fazer que me interessa”. Se o convite ao exercício se faz como parque, é porque não se está nunca só e o sentido se produz, sobretudo, na dinâmica de agrupamento: ver o outro mover-se já evoca o reposicionamento; mas é, sobretudo, quando se é visto que os movimentos requeridos podem irradiar-se para o sempre estranho e quimérico corpo-coletivo da coreografia social. Aposto também no não-querer, na fuga: também aí há “variações programadas”; mas no imediatismo da repulsa se reconhece o estranho – este que nos é familiar, insuportável, e que queremos modificar. Parece ser tarefa singular da arte, do artista (na medida da



recuperação possível de tais termos) o estabelecimento do ‘fora’ e da ‘sombra’ – hoje, figuras de impossibilidade lógica e sintomas do aquecimento global na ecologia do pensamento.

Renata Marquez – O percurso proposto na exposição é um percurso coreográfico, uma visita que promove a passagem por portas, o salto de obstáculos e a pausa nos bancos, uma coreografia a ser representada espontaneamente pelos visitantes à medida que o espaço é percorrido por eles. Espaço de puro movimento, uma vez que não há lugar privilegiado para estar nem objetos próprios para contemplar. Um lugar inquieto, intermitente, instigador. A coreografia, que implica um planejamento mínimo ou uma notação prévia, é distinta da ideia de apropriação, que seria o uso inesperado...

Ricardo Basbaum – Não há aqui lugar para o espontâneo e isso deve ficar claro ao visitante quando este se depara com ambiente tão carregado de ferramentas de constrangimento, instrumentos de coerção: o que se pretende é a aceitação de outro pacto, o confronto de automatismos, o re-desenho – na medida do possível (pois isso seria tarefa a combinar em conjunto com outros agentes igualmente importantes do campo do pensamento e da cultura). Esta é uma pequena contribuição, modesto movimento de impulsão para a construção de uma vontade para outras ações. Toma-se aqui como tarefa fazer com que cada um se reconheça como veículo com baixa taxa de deriva: temos portanto, na exposição, uma breve e pequena chance de desvios, mínimos porém intensos (se isso ocorre, é grande acontecimento).

Renata Marquez – No Mezanino, encontramos um lugar incompleto, prestes a ser ponto de encontro e convívio, como uma praça da cidade (*re-bancos*), um vazio a ser preenchido instantaneamente. O espaço do edifício é apresentado como um eco surdo de outros lugares, que de repente pode tornar-se sonoro. Uma representação de fragmentos de espaços públicos que, bem longe dali, são acionados pela linha arbitrária de um desenho lançado no mapa da cidade, desde dentro do museu. Projeto estratégico, sigla falsamente empresarial, dinâmicas de grupo e equações sintéticas – repertório de um mundo corporativo que visa, sobretudo, ao sucesso econômico – são deslocados do seu contexto e finalidade para servir como ferramentas de novas possibilidades de contato ou Novas Bases para a Personalidade (NBP). Tanto o trabalho *re-projetando (belo horizonte)* como

o projeto *Você gostaria de participar de uma experiência artística?* fazem o Museu ecoar no mundo e vice-versa, envolvendo outros artistas e colaboradores. A forma NBP é uma espécie de bandeira que reconquista o território orientando as novas ações e ocupações que nele podem desenhar-se. Então, de posse dessas evidências, podemos desconfiar das convenções a que estamos submetidos e do fluxo de poder por trás. Mas o reprojeto é sempre um ato meu e seu, um ato polifônico, um acordo entre partes, um desenho feito simultaneamente pelos envolvidos.

Ricardo Basbaum – Os repertórios são do mundo e devemos fazê-los nossos. Se apresento um repertório constituído ao longo do tempo é porque eu trouxe para o projeto tópicos que me pareceram chaves de determinadas questões. O que importa é tomar posse, não no sentido de ter para si, mas como possibilidade de produção de ações – e é assim que organizo as linhas de trabalho que aqui aportam de modo particular, quase-específico. Há possibilidades de fazer as coisas acontecerem e, então, será preciso alinhar estratégia, grupo, exercícios de poder, convenções, etc.: pouco se sabe o quanto tais termos podem ser arranjados, impulsionados por comunidades de interesse. Aí reside a emergência do ato polifônico, multitonalismo, improviso, texturas e paisagens sonoras, a possibilidade de um reprojeto. Trago aqui ao Museu a curiosidade recente pelo registro de vozes em leitura, vocalização de textos e refrões, investindo em uma espécie de composição coral que afirma dicções, ficções e estratégias discursivas elaboradas por diversos agentes. Formalizar a exposição é um gesto de pulsação e potência rítmica, fazer com que o espaço possa renegociar suas linhas e que estas possam, de fato, ser apropriadas por qualquer um – para além das retóricas e estatísticas.

Renata Marquez – Com *eu-você: coreografias, jogos e exercícios* assistimos à dificuldade de desempenhar papéis inter-relacionais com espontaneidade. As regras do jogo tornam-se uma solução divertida, tão inexplicável quanto inquestionável. Fica claro que as normas sociais são estabelecidas em algum lugar abstrato, longínquo, um lugar de poder. Mas, nos filmes, as ações coreográficas são construídas coletivamente pelos grupos que compõem os dois lados de uma relação possível: o grupo *eu* e o grupo *você*. Pequenos ensaios relacionais, consciência do papel a ser desempenhado por cada um, antropologia crítica prática: os jogos se espalham pelo mundo e se expressam como estratégia ou tática, instrução ou vivência (fazendo as noções confundirem-se, ironicamente). Nota-se uma alegria que toma conta desse lugar temporário instalado coletivamente no ato da relação.